

UMA GERAÇÃO ENTRE O SIN E O NÃO

ADRIANO ESPÍNOLA

Meu primeiro contato com a turma do chamado grupo SIN foi no longínquo ano de 1968, o tal ano que, segundo Zuenir Ventura, não acabou. Eu era um garoto que começava a amar os Beatles e os Rolling Stones - e a escrever os meus primeiros versos, quando resolvi participar de um concurso intercolegial de poesia. Tinha lá os meus 16 anos e estudava no colégio Castelo Branco. Começava a descobrir as primeiras espinhas na cara e a literatura, quando me mandei, junto com um amigo, para o auditório da Faculdade de Direito da UFC, para assistir à premiação dos poetas classificados. Sinceramente não acreditava que eu pudesse me colocar entre eles. Meu amigo, lembro-me, é que nutria esta esperança.

De repente, sobe ao palco o badalado poeta Pedro Lyra, que acabara de ganhar um importante prêmio nacional de literatura, com um ensaio sobre Augusto dos Anjos. Uma vitória assombrosa, sem dúvida, para um jovem de 22 anos e ainda mais do Ceará. Eu o acompanhava com admiração pelos jornais e a figura ali estava, meio mítica, quando começou a falar, no auditório, sobre os critérios utilizados pelos jurados na seleção dos poemas; falou também do nível geral dos mesmos - que não era lá essas coisas, com altos e baixos, mas que indicava um real interesse pela poesia por parte dos jovens secundaristas de Fortaleza. Pedro chama ao palco os outros jurados. Aparece, primeiro, um cara magrelo e espigado, chamado Linhares Filho que acabara de publicar um livro de poemas, *Sumos do Tempo*. Acompanha-o um sujeito baixinho e simpático, o Horácio Dídimo, autor de um livro de poemas recém-lançado, *Tijolo de Barro*. Alguém diz que eles fazem parte de um importante grupo de literatura chamado SIN. São universitários, escrevem nos jornais, publicam livros e movimentam a literatura local.

Vinte e cinco anos depois, eis que me surgem à frente Linhares Filho, Roberto Pontes e Horácio Dídimo, hoje meus colegas no Departamento de Literatura na UFC. O primeiro trazia um pacote nas mãos e um pedido; o segundo reportava-se a um ensaio jornalístico que fiz, há uns dez anos, sobre a literatura cearense contemporânea.

E o que queria Linhares Filho? Que eu fizesse o prefácio para a antologia do grupo SIN que, neste ano, comemora 25 anos de existência. Já?! perguntei-me de mim pra mim.

Era verdade. Senti o tempo voltar-se e dar o seu bote circular, oblíquo. Confesso que tive vontade de recuar. Explico. Primeiro, por não me sentir crítico suficiente para avaliar com imparcialidade e precisão a importância literária do grupo SIN e o valor individual de cada. Segundo, como macaco velho (não tão velho assim) não mete mais a mão em cumbuca, não iria mais me meter nessa, de prefaciando antologia. É um perigo. Já meti a mão em umas duas ou três, e o resultado foi que alguns poetas acharam que eu falei pouco, outros que não disse aquilo que eles queriam e uns terceiros, que eu não os elogiei bastante.

Relutei, mas não havia jeito. Peguei a maçaroca e fui pra casa. Deixei alguns dias ali, entocada, vendo se era mansa a cobra. Era, porque os poetas são bons. Se não...

Mas vamos à antologia. Falei em maçaroca - e é verdade. Tenho à vista um tijolo envolvendo uma porrada de poemas, biografias e vários textos críticos, publicados ou não, sobre a já extensa produção de seus autores - Barros Pinho e Horácio Dídimo, Leão Júnior, Linhares Filho, Pedro Lyra, Roberto Pontes, Rogério Bessa e Leda Maria, que disseram SIN. Sim, à poesia. Barroso Gomes e Sâncio de Azevedo aqui estão por pertencerem à mesma geração do SIN, havendo participado do volume *Mini-Sinantologia*, mas nunca integraram o grupo.

A primeira impressão é a de que os componentes do grupo continuam na ativa e prolíficos. Apesar de sua existência brevíssima - de apenas um ano, exatamente durante o famigerado ano de 1968 - o grupo só teve tempo de publicar uma *Sinantologia*, mas parece que - por terem vivido um momento de tão grande ebulição política e cultural - as baterias ficaram líricamente carregadas até hoje. Daí, o volume da produção.

É bom que se diga, entretanto, que o SIN logo se dissolveu devido, por um lado, às discordâncias ideológicas de seus membros e, por outro, à repressão e perseguições que se seguiram após a ditadura militar editar o sinistro AI-5. A partir daí, como se sabe, todo e qualquer agrupamento político, cultural ou literário tornou-se suspeito em potencial. Perigoso. O alvo dos militares era acabar com a cultura do País, silenciar os incômodos intelectuais, artistas e críticos do regime. Amordaçar e palavra, sufocar a criatividade, baixar o cacete na moçada mais rebelde e "subversiva".

Com a barra assim pesando, o grupo SIN - como de resto vários outros, senão a totalidade das agremiações culturais que existiam no Brasil - se desagregou na maior. Cada um agora na sua. A sobrevivência física de seus membros se impunha a qualquer outra, por mais poética que fosse. Assim, de bico e pena calados, cada poeta Sincrético buscou segurar-se nos seus empregos, amansando a musa. Juntar-se, jamais. A subversão por ventura ficaria agora a cargo tão-somente da própria palavra poética, conhecida detonadora da ordem semântica estabelecida, guerrilheira implacável do lugar-comum, inimiga jurada da Doxa, como diria Barthes, essa pegajosa vestimenta fascista que cobre as estruturas da própria linguagem, disfarçada no Bom-senso e Opinião-comum.

O SIN poético viu-se, pois, diante do Não político. Verdade que seus componentes, de um modo geral, nunca se empenharam pra valer em atividades politicamente revolucionárias. Alguns não passaram de simpatizantes do Partidão ou de qualquer outra facção mais ou menos radical. Seu compromisso foi mesmo com a palavra poética. Todos, fundamentalmente líricos, por maior que tenham sido as veleidades revolucionárias de um Pedro Lyra, de um Roberto Pontes ou de um Barros Pinho (o único, aliás, a se dedicar profissionalmente à oposição política, como vereador e deputado estadual). Embora em seus poemas chegassem a "denunciar" a problemática social do País e as injustiças do Capitalismo, os poetas Sincreticos, repito, foram e continuam sendo medularmente líricos.

Basta atentarmos para a dedicatória desta antologia ao poeta Antônio Girão Barroso, "o professor de poesia de todos nós". Ora, o Girão foi o poeta mais nefelibata que conheci nesta Fortaleza, "grávida", como ele diria, de poesia e tristeza. Boêmio por natureza, o poeta sonhava - como confessaria num artigo à revista *Clã* - "em passar a vida voando por cima dos muros". Não satisfeito, costumava afirmar que sua "prática era teórica". Poderia, pois, alguém ser mais desligado da necessidade de uma práxis revolucionária ou de uma intervenção política na realidade?

Com poucas exceções, todos se impuseram, ao longo desses anos, pela própria qualidade literária de seus trabalhos, independente de posicionamentos político - ideológicos ou de alguma circunstância biográfica, heróica ou não.

Outra importante impressão que resulta da antologia reside no aspecto plural, diversificado, com que os poetas elaboram seus textos. Quero dizer que o grupo SIN foi fiel ao seu programa de origem. Realizou efetivamente uma poesia SINcrética. Democrática. Libertária.

Aqui, podemos encontrar as experiências formais as mais diferentes. Há desde poemas concretistas, praxistas, passando pelo haicai, poemas-pílulas até chegar às formas fixas, às elegias, baladas e sonetos, sem falar nos poemas de versos livres, de sintaxe tradicional, com título e pontuação nos lugares e nos de sintaxe experimental, sem título ou pontuação alguma. Neste balaio tem de tudo.

Mas aí está, quero crer, a riqueza maior do grupo. Em primeiro lugar pela lição de liberdade que demonstrou, num momento histórico do País marcado pela radicalização de posições, quer no plano político quer no poético. O grupo não se fechou, não se enquadrou ideologicamente, não se alinhou de forma autoritária e programática, não buscou nos seus poemas um resultado social e imediato. Nem compactuou com a direita no poder nem se associou com os esperneios engajados da esquerda. No plano formal, não se fez excludentemente experimental ou discursivista; nem tampouco se mostrou de vanguarda ou tradicional. Sabiamente, democraticamente, juntou numa só proposta poetas de tendências formal-ideológicas as mais diversas. Fez-se, sim, SINcrético. Como aconteceu, por sinal, com a própria cultura brasileira, que desde o início soube fundir culturas e raças diferentes, num processo de mestiçagem único no mundo. No nosso terreiro, São Jorge e São Jerônimo convivem numa boa com Exu Tiriri e Vovó Conga. Saravá!

Em segundo lugar, a proposta do sincretismo poético da rapaziada de 68 me parece a mais interessante, não só em termos de literatura cearense, como até mesmo em termos de literatura brasileira, sem que, neste último caso, tenha obtido qualquer repercussão ou influência nos (des)caminhos da poesia brasileira como um todo, pela simples razão de que nossa cultura literária é periférica.

Assim, considerando a aparição do grupo no contexto da literatura alencarina, neste século, diríamos ter sido o SIN aquele que conseguiu uma amostragem mais concentradamente poética e diversificada, em comparação, por exemplo, aos grupos Maracajá (1929), Clã (1945) e Siriará (1979).

Primeiro, porque, em termos de criação, seus componentes se voltaram exclusivamente para a poesia (muito embora, alguns, mais tarde, tenham se revelado excelentes ensaístas). Diferentemente do Maracajá que, ao lado de Jáder de Carvalho, havia a romancista Rachel de Queirós; do Clã, que misturava os ficcionistas Moreira Campos, Fran Martins e Milton Dias com os poetas Artur Eduardo Benevides, Otacilio Colares e Antônio Girão Barroso; do Siriará, por último, que congregou ficcionistas e poetas indiferentemente.

No caso do SIN, havia só poetas; o que interessava era a poesia; a poesia múltipla, experimental e tradicional; a poesia polimétrica ou de versos regulares; a poesia de confissão ou de contestação; a poesia de ontem e de hoje. A poesia de sempre.

Em termos nacionais, vale salientar o fato de que o sincretismo do grupo cearense destoava, naquele instante, das polêmicas e disputas acirradíssimas que ocorriam, principalmente entre os grupos concretistas de São Paulo e os "participantes" violeiros de rua do Rio. Briga feia, que até hoje perdura. Entre nós, entretanto, essas brigas não prosperaram. Tais tendências poéticas diferentes, ao contrário, constituíram um sinal de enriquecimento da produção literária local, tanto que a motivação maior que aglutinou a turma de poetas do SIN, naquele instante, foi justamente reunir as múltiplas possibilidades do fenômeno poético brasileiro. Numa boa. Sem privilegiar esta ou aquela manifestação.

Assim, por exemplo, é possível observar, de um lado, a prática ostensivamente experimental de um Barroso Gomes concretista e haicaísta ou de um Rogério Bessa praxista e órfico, junto com a linha minimalista de Horácio Didi-mo. Ao lado desses, podemos sentir o sopro épico e participante de Roberto Pontes e Pedro Lyra, os quais também se mostram amorosamente líricos com *Memória Corporal* e *Contágio*. Nesse meio tempo, Leão Júnior persegue o tempo todo a carnadura do tempo, por meio de versos de rigorosa espacialização visual e semântica, enquanto Linhares Filho retoma a dicção grave dos poetas de 45, com algumas baladas e outras formas fixas, sentindo o momento e a voz das coisas, ao lado de Sânzio de Azevedo, sonetista exímio e versilibrista idem. Barros Pinho se apresenta numa contida linha participante e telúrica.

Fica claro, neste breve cotejo, o caráter marcadamente diversificado destes poetas, capaz de nos oferecer uma espécie de síntese das tendências mais significativas da poesia brasileira, nestes últimos 30 anos.

Não poderia, entretanto, deixar de comentar rapidamente a poesia de cada integrante da geração SIN nesta antologia.

Seguindo a ordem alfabética estabelecida pelo organizador, o primeiro nome que se apresenta é o de Barroso Gomes.

Pode-se dizer de saída que este poeta teve o mérito de introduzir na literatura cearense o haicai, no momento em que só se conheciam por aqui os do paulistano Guilherme de Almeida. Creio mesmo ter sido BG um dos poucos cultores deste tipo de poesia na década de 60, no Brasil. Somente nos anos 80 é que esta forma poética iria se popularizar entre os jovens poetas brasileiros, como, por exemplo, Paulo Leminsky, Alice Ruiz, Glauco Matoso, Olga Savary e este modesto escriba que chegou a publicar, em 1984, um livro todo composto de haicais, o *Trapézio*.

Confesso que a influência dos poemas de BG em mim foi decisiva, no que se refere ao gosto e ao cultivo destas pequenas jóias poéticas japonesas: um extraordinário exercício de síntese e despojamento lírico. O instante poético apreendido em três versos apenas. Pois bem, BG foi um dos meus mestres, assim como o foi indiretamente dos poetas cearenses que passaram a explorar as possibilidades do haicai: Gildemar Pontes, Luciano Maia, Diogo Fontenele e outros, da nova geração.

O estudo crítico, incluído neste volume, que faz Sâncio de Azevedo dos micropoemas de Barroso Gomes é definitivo. Nele, o historiador maior da literatura cearense mostra porque o poeta em questão melhor se realizou nesta breve forma lírica. Bastaria citar, por exemplo, "Réquiem", "Imitação" e "Arrebatamento" para comprovar tal conclusão.

No mais, vale destacar os poemas concretistas, aqui publicados, para sentir a preocupação experimental do autor, em consonância com o que melhor se fazia, no gênero, no resto do País.

Horácio Didimo também se destaca por sua índole experimental. Cultivando igualmente o poema concretista, o autor, entretanto, assinala a originalidade de sua dicção na formulação de poemas minimalistas, de tom quase oracular, como podemos verificar em "o banco do jardim", "a sobremesa", "a lanterna de diógenes", "a solução" e "o sol existe". Todos, absolutamente antológicos.

Creio que a poesia de HD, sobretudo a concentrada nos livros *Tempo de Chuva*, e *Tijolo de Barro*, representa um dos melhores momentos da lírica brasileira, nesses últimos 30 anos, pelo seu caráter inventivo, anti-retórico, combinado com um refinado humor e extrema capacidade de síntese. No contexto da poesia nacional, seus micro-poemas são bem mais interessantes do que aqueles feitos por Oswald de Andrade, por exemplo. Ou incomparavelmente superiores àqueles "rápidos e rasteiros" realizados pela turma marginal, nas décadas de 70 e 80.

Com Horácio Dídimo, a formulação de Mallarmé, segundo a qual o poeta torna mais puras as palavras da tribo encontra plena justificativa. Como podemos verificar em o "afinador de palavras": "quero passar um dia bem azul/polindo velhas palavras/até que elas brilhem como o sol". Ave, Horácio, lídimo poeta!

Com Horácio Dídimo, identifica-se Barros Pinho na opção de escrever todos os seus textos em letras minúsculas e sem pontuação: mas pára aí o alcance de sua experimentação. Diferentemente da dicção objetiva e impessoal do primeiro, BP muitas vezes derrama-se na expressão das reminiscências pessoais, lamentando a perda no tempo dos seres e das coisas. Tudo bem, o "ubi sunt" sempre foi tema poético, desde Villon a Bandeira. Mas não basta recordar o fato; é preciso transcendê-lo. Universalizá-lo. Isto o poeta só consegue, a meu ver, plenamente em "noite de natal" e "decreto do rio".

Prefiro aqueles seus poemas que mais traduzem a objetividade lírica, de que nos falava T.S. Eliot. Como, por exemplo, em domingo, canto do galo de barro, no longo e indignado "verdes cata-ventos das colinas", e finalmente na "balada simples da janela de Maria", com este belo verso: "o amor tem as sílabas da solidão".

Definiu bem a poesia de BP o crítico F.S. Nascimento, em artigo incluído na antologia, ao denominá-la da "encantatória". De fato, a metáfora central da poética de BP residiria no Circo e, por conseguinte, na Infância. Vale dizer, o autor não raro investe nas possibilidades mágicas e transfiguradoras das palavras no resgate da memória. Com elas, ele realiza seu número, isto é, o poema, apostando na sua capacidade prestidigitadora. Não por acaso escreveu *O Circo Encantado*, seu livro mais representativo, o qual poderia significar igualmente "A Palavra Encantada", ou seja, a própria Poesia.

Leão Júnior é uma fera de poeta. Apesar de continuar incompreensivelmente inédito em livro, seus poemas revelam garra e beleza. Ruge, pois, forte Leão Júnior ao "Tempo tempo", uma série de poemas voltados a um só "tempo" à realização do poético e à des/realização do Tempo nas coisas e na história, só apreensível, no entanto, "à escrita em que falta/tua imagem recortada".

Nos dez poemas (sem títulos) aqui apresentados, LJ exercita uma reflexão filosófico-poética a respeito do enigma maior do Universo, segundo Borges, que é o Tempo. Começa assinalando o mistério de sua natureza cíclica e incipiente: o seu (nosso) não-saber: "certifique-se de que o tempo/não goza em seu cabedal, / o saber de um tempo arguido". Depois anota seu percurso na história e em torno do homem com suas "quebras fendas raturas", que cobre a razão, lê o antes da memória e "escapa à imaginação", para por fim, depois de "mil canais de travessia" e "sob o rigor do silêncio" fazer-se como poesia, entre parênteses.

Leão Júnior parece retomar a já larga preocupação filosófica e histórica em relação ao tempo, que vai de Heráclito de Éfeso a Heidegger. Não por acaso o pensamento desses filósofos expressava-se poeticamente. Já o nosso autor faz o contrário: poeticamente pensa sobre o fenômeno do tempo, com um desdobramento de imagens e idéias que lembra João Cabral de Melo Neto, tal o rigor cartesiano e rítmico com os quais executa o seu longo e intricado poema, belamente inscrito no "Tempo tempo".

Linhares Filho, poeta de "alta linhagem", comparece na antologia com uma quinzena de textos recolhidos de sua já numerosa e admirável obra poética.

Já assinalo o fato de que LF retoma a dicção grave da geração de 45. Quero dizer com isso que o poeta encara com a maior seriedade os graves pro-

blemas do homem, em termos existenciais, sociais e metafísicos. Sua poesia não raro se torna celebratória, associando-se melhor às formas fixas, capazes de apreender o ritmo regular da *Voz das Coisas*. Porque sabe ele que, se "a vida exulta neste instante./a morte espreita do além". Por isso, diante do mundo e do poema, percebe que há "no ar uma tensão/entre a liberdade e o determinismo".

De sua obra inicial, *Sumos do tempo*, foi escolhida "A minha mãe, habitante da morte", uma pungente elegia digna de um Fernando Pessoa ou Drummond. A seu pai dedica igualmente uma bela elegia, cujo verso final soa antológico: "tua presença é lembrança". Notável também a urdidura clássica do poema *Momento*, vazado em versos decassilábicos de sabor camoniano.

Todos os seus poemas, aliás, contêm este toque tradicional, no melhor sentido. Percebe-se que o poeta vem adotando cada vez mais as formas isomórficas e musicais, ao lado de uma rigorosa seleção vocabular, aprendidas talvez na leitura exaustiva dos poetas clássicos portugueses. Certo está, nesse sentido, Artur Eduardo Benevides quando assinala que Linhares Filho "tem a exata consciência do fenômeno literário e não submete a sua arte a concessões duvidosas e efêmeras".

Já Pedro Lyra arrisca a sua lira na tentativa de exprimir, de forma contundente e direta, a problemática política e social de nosso tempo, sob o regime capitalista. Falo de seus "poemas dialéticos", que integram o livro *Decisão*.

Em 1983, escrevi uma resenha, publicada num jornal local e que acabou impressa na segunda edição do livro mencionado, em que destaco a coragem e originalidade da poesia engajada do autor. Por pretender exprimir diretamente, sem subterfúgios, o drama de nossa sociedade, PL produziu uma poesia em que há a mistura das idéias da prosa e o ritmo dissoluto dos versos livres, todos voltados para a denúncia da desumanização do homem. O resultado não foi outro senão polêmico. Muitos, entretanto, aplaudiram a sua experiência, voltada para a plena consciência ideológica do verso.

Mas se Pedro Lyra brandiu seus versos como uma verdadeira "arma" no livro mencionado, eis que ele agora carrega seus versos do mais intenso lirismo, em *Desafio - Uma poética do amor*, expressando-os, inclusive, através da mais nobre forma poética: o soneto. Alguns de feitura realmente admirável, quer do ponto de vista formal quer do ponto de vista semântico. Citaria, por exemplo, os sonetos de "Constatação I" e de "Consolação IX". Igualmente o "Lavragem-XXIX", com seu belo verso inicial: "Viver é real. Reviver é poético".

Não satisfeito com a lírica amorosa aprisionada em sonetos, o autor em seguida nos dá o livro *Contágio* (1993), no qual os poemas se expandem em versos soltos e fortes, como que exprimindo a experiência libertária do amor em suas múltiplas situações.

A diversidade formal e conteudística de Pedro Lyra, além de revelar uma admirável inquietação literária, aponta para uma riqueza e virtuosidade poéticas capazes de nos dar, a um só tempo, o verso da mais dura denúncia social ao lado daquele mais sedutoramente lírico.

Igualmente múltiplo se nos apresenta Roberto Pontes. Poeta de expressão forte e fácil, segundo o próprio Pedro Lyra, RP viaja com mestria pelos temas mais diversos da contemporaneidade, sempre seguro e claro na articulação da palavra poética.

Assim, no seu livro inicial, *Contracanto*, comparecem dois poemas que demonstram bem a consciência que tem o autor do fenômeno literário. O primeiro, de título homônimo, expressa heideggerianamente o poeta enquanto habitante da linguagem: "Moro nas vogais e consoantes/circunflexos/ós e zizes cantantes". Para concluir que "o alfabeto habito / como me moram / muitas vezes muitas / meu coração", sugerindo que, se o poeta é este inquilino privilegiado da casa da linguagem, ele o é na medida em que expressa sua emoção, seus sentimentos. O segundo poema toma a imagem do "Rio Raivoso" como metáfora da luta incessante por melhores condições de vida, pois vive a chorar "a vida toda / por ter nascido rio/e não fuzil". Quer dizer: se a poesia é linguagem, de um lado, ela o é igualmente arma social, de outro.

Em 1970, Roberto Pontes nos deu um dos mais originais livros de poesia da literatura cearense contemporânea e talvez da brasileira com *Lições de Espaço*. Trata-se de um longo poema, de impecável estrutura épica, que parte do agreste espaço nordestino e se encaminha até ao Cosmos, celebrando, neste trajeto, a conquista do espaço sideral pelo homem. Na presente antologia, se encontram os poemas "teletipo 1957", no qual "proclama nova era", e o instigante "finito/infinito" que parece exprimir toda a potencialidade criadora tecnológica e poética do homem, "a cavalgar na luz".

Também soube ser superlativamente amorosa e lírica a poesia de RP em *Memória Corporal*, seu livro de 1982. Trata-se de um extenso poema, no qual celebra o amor físico, no seu início e término. Sob este último aspecto, a antologia traz "Epitáfio", uma antológica peça literária, no qual os sentimentos de ardor e sonho se juntam ao de perdão e adeus "na verdade indestrutível de um poema".

Enfim, Roberto Pontes é um poeta de múltiplas dimensões. Quer épico, lírico, social ou existencial, sabe ser, em todos esses aspectos, um artista exemplarmente consciente de seu ofício e um fino artesão do verbo, encarnado ou não.

Outro poeta que se revela senhor de sua arte é Rogério Bessa. Dele só conhecíamos *Poesia em 2 Tempos*, publicado em 68, e alguns poemas-práxis estampados no número 4 da revista *Caboré*. Nesta antologia, além dos poemas já conhecidos, aparecem alguns de dois livros inéditos, *Redescoberta de Orfeu* e *Memórias da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.

Se nos poemas de *Praxiscópio* Bessa mostrava-se um autor preocupado com a vanguarda poética, particularmente com a experiência da poesia-práxis - a qual, diga-se logo, pouco prosperou no País, em decorrência talvez de seu extremo artificialismo e dicção excessivamente trocadilhesca - com os poemas de *Redescoberta de Orfeu*, entretanto, sua experimentação ganha um sentido muito mais histórico e convincente.

Com efeito, tais poemas, ao lado do imprescindível rigor lingüístico, adquirem não só fluência mas poder de fabulação. O poeta retoma o mito e re-inventa a vida, através de textos de versos medidos e compactados em três estrofes de quatro versos. Se os poemas são curtos e densos de significado, os títulos se revelam, ao contrário, extensos mas não menos originais. Por exemplo, no poema "Do canto V", aparece este subtítulo: "viagem dentro e ao redor de um canteiro/seus pronomes relativos ou passeio no quintal: ant'ilhas". Estranho, não?

É com esta sensação de estranheza que lemos seus poemas órficos, que funcionam como uma espécie de contraponto à invenção (mística) de Orfeu, de Jorge de Lima, por exemplo. Longe do delírio barroco e cristão do poeta alagoano, Bessa prefere cantar as miudezas da terra que cercam o homem, "os minúsculos adamaçtores e um mundo coberto de pó". Ou aquele passeio no quintal. Ou, ainda, a viagem de retorno e reencontro de si. Sem falar "no impacto do cacto intacto/ (...) no chão por chantão malsão."

De repente, o poeta abandona momentaneamente o rigor de seus versos curtos e se derrama na contemplação da cidade do Rio de Janeiro. Tornam-se os versos longos, meditativos, graves. "E vós, baratas miúdas deste Rio de Janeiro, / que fazeis na superfície do solo civilizado?", indaga provincianamente às baratas metropolitanas. Não precisava. Mais interessantes são os poemas de "Crer diário", nos quais a invenção verbal e a contenção lírica recolocam R. Bessa, por fim, na linha de sua melhor criação poética.

Já Sânzio de Azevedo pouco está ligando para os processos de experimentação verbal. Sua poesia, no geral de tom celebratório e intimista, se desenvolve a partir de temas e formas consagrados pela tradição. E nisso revela-se ele um mestre, na acepção poundiana do termo.

Mas antes de comentar o trabalho do Sânzio, vale ressaltar a imensa contribuição que ele tem dado à literatura cearense, em particular, e mesmo à brasileira, como historiador do fenômeno literário, destacando-se aqui a obra, já clássica, *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. No domínio da pesquisa e análise de nossa prosa e poesia, o autor já produziu cerca de uma dezena de trabalhos, enfocando não só autores do passado como do presente. Neste último caso, vale ressaltar o livro *Novos Ensaios de Literatura Cearense*. Seu único defeito, como crítico, é não ter falado ainda sobre a minha obra. Mas, tudo bem.

Vamos ao poeta. Artur Eduardo Benevides já evidenciara, em 1986, o fato de que o autor pouco publicara em termos de poesia, enquadrando-se naquela categoria de poeta bissexto, de que nos falava Manuel Bandeira. Se é pequena a obra poética (apenas dois livros, *Cantos da Longa Ausência* e *Canto Efêmero*) ela, entretanto, se mostra de excelente qualidade, como ressalta Benevides.

De fato. Observando seus textos na antologia *Sincrética*, percebe-se de imediato o domínio que tem das várias formas líricas, não lhe faltando tampouco imaginação e sensibilidade, para a plena realização do poema.

Das composições selecionadas de sua primeira obra, o destaque vai para o soneto que se inicia com o verso "Já que buscas um sonho e não o alcanças" e

finda com um terceto de sabor antológico: "Buscas (não vês?) um bem que não existe; e nem percebes que vagueias, triste, / conduzindo um rebanho de saudades".

Por aí se vê que tinha eu razão, ao afirmar, no início deste prefácio, que Sânzio revela-se um exímio sonetista. Não só, porém. Diante de outras formas fixas ou simétricas, o autor se mostra um artesão de primeira, alcançando suas peças uma alta dimensão estética.

É o caso, por exemplo, dos poemas "O Palhaço", "O Suicida", "Grupo Artigo", "A velha rua" e "Trovas". Há também bons exemplos de versos livres, como "Momentos" e "Luar da Memória", todos pertencentes à sua derradeira obra.

Mas é mesmo como sonetista, a meu ver, que Azevedo demonstra toda a sua força poética. Não importa se ingleses ou petrarquianos na estrutura, seus "Sonetos de Tempos Vários", juntos com o "Soneto Carioca" e os três últimos, ainda inéditos em livro, representam momentos de indiscutível realização poética.

Assim, meus companheiros, caminha a humanidade e a produção deste danado grupo cearense, que ousou dizer SIN à poesia, num tempo duramente marcado pelo Não.

Fortaleza, 1993